INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO SUPERIOR: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOB O OLHAR DE ESTUDANTES SURDOS

*INCLUSION OF DEAF IN HIGHER EDUCATION: PEDAGOGICAL
PRACTICES UNDER THE LOOK OF DEAF STUDENTS*

*INCLUSIÓN DE SURDOS EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR:
LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS BAJO LA MIRADA
DE ESTUDIANTES SURDOS*

POLLIANA BARBOZA¹

ANA DORZIAT²

¹Prefeitura Municipal de Alhandra/PB-Brasil

²Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Portugal. Professora da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande/PB- Brasil.

RESUMO Os Estudos Surdos, desenvolvidos sob a ótica dos Estudos Culturais da Educação, consideram que as pessoas surdas têm uma cultura própria, ancorada na sua visualidade: a Cultura Surda. Partindo da ideia de que currículo e cultura são aspectos indissociáveis no processo educacional, é preciso valorizar e respeitar as vozes das pessoas surdas. Fundamentado nisso, o objetivo do presente estudo foi analisar narrativas de estudantes surdos dos cursos de graduação em Automação Industrial, Design de Interiores e Química, referentes aos seus processos educacionais. Entendemos, com isso, que o protagonismo das pessoas surdas seria fundamental para refletirmos a respeito das possibilidades de construção de processos educacionais dialógicos e culturalmente referenciados no Ensino Superior. A pesquisa de natureza qualitativo-descritiva foi desenvolvida em uma instituição de ensino superior pública, localizada na Paraíba, entrevistando em Libras três estudantes surdos. Os dados, gravados em vídeo, revelaram que os estudantes surdos enfrentam diversas dificuldades em decorrência de práticas pedagógicas que desconsideram suas características linguístico-culturais e suas formas de elaboração visuais de conhecimento. Isso parece produto de uma convivência universitária engendrada em práticas padronizadas, que impedem reflexões mais vigorosas acerca de aspectos pedagógicos consentâneos às diferenças surdas.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO SUPERIOR; ESTUDANTES SURDOS; ESTUDOS CULTURAIS; PROCESSO EDUCACIONAL.

ABSTRACT The Deaf Studies, developed from the perspective of Cultural Studies of Education, consider that deaf people have their own culture, based on their visuality: the Surda Culture. Starting from the idea that curriculum and culture are indissociable aspects in the educational process, the voices of deaf people must be valued and respected. Based on this, the objective of the present study was to analyze narratives of deaf students of undergraduate courses in Industrial Automation, Interior Design and Chemistry, referring to their educational processes. Therefore, we believe that the role of deaf people would be fundamental to reflect on the possibilities of building educational processes that are dialogically and culturally referenced in Higher Education. The qualitative-descriptive research was developed at a public higher education institution, located in Paraíba, interviewing three deaf students in Libras. The data, recorded on video, revealed that deaf students face several difficulties due to pedagogical practices that ignore their linguistic-cultural characteristics and their visual forms of elaboration of knowledge. This seems to be the product of a university coexistence engendered in standardized practices that prevent more vigorous reflection on pedagogical aspects in line with deaf differences.

KEYWORDS: HIGHER EDUCATION; DEAF STUDENTS; CULTURAL STUDIES; EDUCATIONAL PROCESS.

RESUMEN Los Estudios Surdos, desarrollados bajo la óptica de los Estudios Culturales de la Educación, consideran que las personas sordas tienen una cultura propia, basada en su visualidad: la Cultura Surda. A partir de la idea de que el currículo y la cultura son aspectos indisolubles en el proceso educativo, hay que valorar y respetar las voces de las personas sordas. En base a esto, el objetivo del presente estudio fue analizar narrativas de estudiantes sordos de los cursos de graduación en Automatización Industrial, Diseño de Interiores y Química, referentes a sus procesos educativos. Entendemos, con ello, que el protagonismo de las personas sordas sería fundamental para reflexionar sobre las posibilidades de construcción de procesos educativos dialógicos y culturalmente referenciados en la Enseñanza Superior. La investigación de naturaleza cualitativa-descriptiva fue desarrollada en una institución de enseñanza superior pública, ubicada en Paraíba, entrevistando en Libras a tres estudiantes sordos. Los datos, grabados en vídeo, revelaron que los estudiantes sordos enfrentan diversas dificultades como consecuencia de prácticas pedagógicas que desconsideran sus características lingüístico-culturales y sus formas de elaboración visual de conocimiento. Esto parece ser producto de una convivencia universitaria engendradora en prácticas estandarizadas, que impiden una reflexión más vigorosa sobre aspectos pedagógicos acorde a las diferencias sordas.

PALABRAS CLAVE: ENSEÑANZA SUPERIOR; ESTUDIANTES SORDOS; ESTUDIOS CULTURALES; PROCESO EDUCATIVO.

INICIANDO A CONVERSA

Este trabalho está referenciado nos Estudos Culturais que, por ser um campo cambiante e fluído, possibilita analisar, através de várias lentes, as questões que envolvem as pessoas surdas.

Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 40) definem os Estudos Culturais como “um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, por buscarem inspiração em diferentes teorias, romperem certas lógicas cristalizadas e hibridizarem concepções consagradas”.

Essa abordagem permite aos pesquisadores questionarem os binarismos e trazerem para o centro das discussões grupos que estão às margens da sociedade, como o das pessoas surdas.

A partir dessa conexão, é possível dar um passo substancial às reflexões sobre a educação de pessoas surdas, entendendo que suas diferenças, sobretudo as ancoradas naquelas que as fazem constituir um grupo próprio – a visualidade –, são indispensáveis para o seu processo formativo. Essa ótica permite entendermos a razão pela qual “os Estudos Surdos procuram enfatizar a diferença, e não a deficiência. Para essa concepção de surdez, o que define a comunidade surda não é apenas a deficiência da audição. Outros aspectos como a questão cultural e linguística devem ser considerados” (SOUZA; SOUZA, 2012, p. 4).

A partir da compreensão de que é fundamental o envolvimento da cultura, com destaque para a língua, na educação de pessoas surdas, como critério para uma imersão no processo educacional, realizamos uma investigação no âmbito do mestrado.

O objetivo do trabalho dissertativo foi analisar as narrativas de estudantes surdos dos cursos de graduação em Automação Industrial, Design de Interiores e Química, referentes aos seus processos educacionais. A pesquisa foi desenvolvida numa instituição pública de ensino superior, localizada na Paraíba, que segue o modelo da educação inclusiva, pelo fato de a mesma contar com discentes surdos frequentando esses cursos de graduação.

A partir de um recorte do trabalho original, organizamos este artigo em duas partes. Na primeira, apresentamos as contribuições dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos para o processo educacional das pessoas surdas, como também abordamos a situação dos estudantes surdos no ensino superior, com base em alguns estudos já desenvolvidos. Na segunda parte, exibimos o percurso metodológico da pesquisa, os estudantes surdos e suas narrativas acerca do processo educacional no ensino superior.

ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS SURDOS: PENSANDO O PROCESSO EDUCACIONAL DAS PESSOAS SURDAS

Os Estudos Culturais – EC constituem um campo de estudo que surge em reconhecimento às demandas de grupos e pessoas que questionavam e buscavam romper com o conceito hegemônico de cultura, que considerava apenas a cultura erudita, elitizada. As manifestações populares eram, no máximo, tidas como “baixa cultura”.

Contrapondo-se a essa ideia, Costa (2011, p. 108) ressalta que os grupos sociais:

...buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso.

O olhar atento a esses grupos sociais permitiu aos EC desenvolverem reflexões mais aprofundadas sobre o que envolve as pessoas de grupos minoritários, propondo a “descolonização do conceito de cultura” (COSTA, 2011, p. 109).

Cultura, sim, como expressão das formas pelas quais as sociedades dão sentido e organizam suas experiências comuns; cultura como o material de nossas vidas cotidianas, como base de nossas compreensões mais corriqueiras. A cultura passa a ser vista tanto como uma forma de vida (ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder), quanto toda uma gama de produções, de artefatos culturais (textos, mercadorias etc.) (COSTA, 2011, p. 109).

Cultura torna-se, portanto, um ponto chave para a problematização dos contextos que envolvem as pessoas, bem como, suas experiências e saberes. Os EC possibilitam, então, um olhar direcionado e apropriado a respeito das diferenças existentes nos grupos sociais.

Tomando-os como inspiração, os Estudos Surdos – ES surgem, colocando em evidência as problemáticas das pessoas surdas, as questões culturais, linguísticas, de diferença, identidade e relações de poder.

Skliar (2013, p. 5) coloca que:

...os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.

A Cultura Surda, um dos elementos discutidos pelos ES, é constituída pelo modo de vida das pessoas surdas e de suas vivências e experiências em perceber o mundo a sua volta. É construída pela forma que essas pessoas “desenvolveram ao longo de suas vidas estratégias visuais-gestuais de apreensão e de expressão de mundo [...]” (DORZIAT; LIMA; ARAÚJO, 2007, p. 17), construindo modos de vida, experiências e cultura diferente da ouvinte. Se o aspecto cultural é um importante elemento da vida escolar, sendo reivindicado como promotor de uma educação mais engajada e com sentido, como o fazem os estudos mais recentes acerca do currículo na contemporaneidade, a cultura surda também precisa ser respeitada e valorizada na sociedade e nas instituições de ensino.

Para tanto, é preciso um maior aprofundamento sobre um dos artefatos culturais¹ mais significativos dessas pessoas: a língua de sinais.

Assim como os ouvintes têm a sua língua, a língua oral (no caso do Brasil, a língua portuguesa), os surdos também têm a sua língua – a língua de sinais (no caso do Brasil, a Libras – Língua Brasileira de Sinais). A circulação na sociedade dessa língua é um direito assegurado às pessoas surdas, fundamentado na Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, como segunda língua oficial do Brasil. A referida lei apresenta que:

¹ As produções culturais das pessoas surdas / O que é característico da cultura surda.

...a Língua Brasileira de Sinais – Libras é a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Sendo a Libras e sua prática como primeira língua para os estudantes surdos um direito, faz-se necessário que as instituições de ensino possam compreender a importância da mesma no cotidiano para todas as situações e não apenas utilizá-la em alguns momentos, apenas com fins determinados para algumas situações.

Nesse contexto, é necessário ressaltar que:

...a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2016, p. 53).

Além dos aspectos mencionados por Strobel, a língua de sinais proporciona também o aprofundamento das marcas da identidade das pessoas surdas. Esse aprofundamento se constrói na relação social e é por meio dela que as pessoas se reconhecem. No entanto, assim como as identidades não são fixas para as pessoas ouvintes, que são influenciadas por vários contextos de gênero, etnia, profissão, classe, entre outros, elas também não o são para as surdas. Segundo Hall (2011, p. 13), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, sobretudo para as pessoas surdas, que vivem numa sociedade majoritariamente ouvinte. Essa condição impele-os/as a diferentes níveis de hibridismo identitário.

Perlin (2001) apresenta diferentes identidades surdas, ressaltando o cuidado de não serem tomadas de forma fixa. A autora chama a atenção para a complexidade do tema identidade, afirmando que “estas não são estáveis, estão em contínuas mudanças. Os surdos não podem ser um grupo de identidades homogêneas. Há que se respeitar as diferentes identidades” (PERLIN, 2001, p. 3).

Sá (2010, p. 124) segue essa mesma linha de raciocínio, dizendo que as identidades surdas:

...não se constroem no vazio, formam-se no encontro com os pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos. No encontro com os outros, os surdos começam a narrar-se, e de forma diferente daquela através da qual são narrados pelos que não são surdos.

Por compreender que as identidades surdas se constroem de forma mais significativa no encontro com os seus pares, já que é nesse meio que as pessoas se reconhecem, se entendem e compartilham experiências comuns sobre a participação no mundo de pessoas ouvintes, reconhecemos que o processo educacional das pessoas surdas poderia ser desenvolvido de forma mais eficaz em escolas bilíngues para surdos, tomando a cultura surda como viabilizadora de conhecimentos de mundo, escolares e pessoais.

Na ambiência de uma instituição educacional bilíngue, o processo educacional poderia abranger de forma mais efetiva os elementos teóricos e práticos, como os métodos de ensino, as estratégias, os processos de aprendizagem, a avaliação, língua, cultura, identidade, diferença, comunicação, relação entre os envolvidos, entre outros, determinados por fatores pedagógicos, sociais e políticos.

Na ausência de instituição com essas características, as escolas regulares poderiam contribuir melhor com os processos educacionais de estudantes surdos, se compreendessem que os mesmos necessitam de estratégias de ensino e metodologias que os ajudem e deem suporte às suas aprendizagens.

Por fim, entendemos que os EC e os ES, ao buscarem superar concepções já cristalizadas na sociedade, apresentam outras possibilidades de compreensão da própria sociedade, dos grupos minoritários, em especial das pessoas surdas, que vêm reivindicando o direito à educação, desde a entrada até o acesso a melhores oportunidades no processo educacional como um todo, inclusive no Ensino Superior.

ESTUDANTES SURDOS E O ENSINO SUPERIOR: ESTUDOS REALIZADOS

A Constituição Federal – CF apresenta que o dever do Estado é proporcionar o acesso aos mais elevados níveis de ensino, os quais estão situados no ensino Superior. Este é ofertado por meio das universidades públicas e privadas, tendo como foco a construção dos saberes, por intermédio da pesquisa, ensino e extensão (BRASIL, 1988).

Nessa direção, a universidade é uma instituição de educação que tem por objetivo a construção do conhecimento que “se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, na produção do conhecimento por meio da problematização dos conhecimentos historicamente produzidos, de seus resultados na construção da sociedade humana e das novas demandas e desafios que ela apresenta” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2014, p. 162).

Entretanto, o ambiente universitário é um desafio para muitas pessoas. Adaptar-se à vida acadêmica, às produções constantes, à aprendizagem, aos novos conhecimentos, requer muita dedicação e esforço. Sobretudo quando a Educação Básica deixou lacunas, referentes às práticas de leitura, produções de texto, raciocínio, entre outras habilidades que precisariam ter sido construídas, como base para conhecimentos mais avançados.

Para os/as estudantes surdos/as, além do preenchimento dessas lacunas, há a necessidade também de bom relacionamento e comunicação com os colegas, professores/as e com o novo ambiente acadêmico.

Devido às suas diferenças, as pessoas surdas enfrentam mais desafios do que muitas outras. Desde o acesso, os estudantes surdos lidam com dificuldades no processo seletivo, em razão deste ser pensado para as especificidades dos ouvintes. A permanência se torna também difícil, por não haver uma política linguística dentro da universidade e também metodologias e avaliações que “tendem a ser sempre negativas, o que tem gerado comportamentos de desinteresse e frustração e até de evasão por parte do surdo” (SOUZA; SOUZA, 2012, p. 6).

Alguns estudos realizados com estudantes surdos, no âmbito do ensino superior, evidenciaram desafios e barreiras que esses estudantes enfrentam para estudarem e fazerem parte do corpo discente.

Entre elas, a pesquisa desenvolvida por Ansay (2009), que teve como objetivo investigar a trajetória educacional de estudantes surdos que estavam nas universidades localizadas na cidade de Curitiba. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, usando como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada, gravada em vídeo, e, como participantes, nove estudantes surdos. Os resultados mostraram que era uma tarefa difícil a permanência das pessoas surdas no ensino superior, sendo muitos os desafios enfrentados por eles, como: o preconceito, o despreparo profissional de professores e professoras, a falta de práticas pedagógicas que envolviam esses estudantes e a falta ou inadequação de material pedagógico específico.

Já o trabalho desenvolvido por Santos e Oliveira (2014) teve como objetivo analisar a inclusão de alunos surdos no ensino superior, por meio do acompanhamento do acesso e do desempenho escolar de três alunos surdos do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior pública. Os resultados revelaram que o ensino ofertado no Ensino Superior se encontra aquém da necessidade das pessoas surdas, o que inviabiliza a aprendizagem. Os dizeres dos estudantes surdos mostram “a distância existente entre uma perspectiva freireana de educação e o ensino conteudista, academicista, burocratizado, autoritário e hierárquico que domina a formação em nível superior” (SANTOS; OLIVEIRA, 2014, p. 141).

Houve também a investigação realizada por Silva (2015), que teve como objetivo compreender a inclusão de estudantes surdos no ensino superior, por meio das percepções desses estudantes e das percepções e práticas dos seus/suas professores/as, no curso de graduação em Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada, localizada no interior de Pernambuco.

Os achados da pesquisa revelaram que a inclusão de estudantes surdos no ensino superior ocorria, principalmente, por meio da atuação do intérprete, por intermédio de um dos/as professores/as que conheciam a Libras e a utilizavam, e também através de algumas estratégias utilizadas pelos professores/as que favoreciam a aprendizagem dos/as estudantes surdos/as.

Em contrapartida, existiam dificuldades a serem superadas, como a falta de comunicação entre professores/as e estudantes surdos/as, a pouca utilização de estratégias que favorecessem a aprendizagem dos estudantes surdos e da cultura surda e a escassez na formação de professores/as na área de Libras.

Os estudos apresentados revelam que os/as estudantes surdos enfrentam desafios para estar nas universidades pelo fato destas ainda serem ambientes predominantemente organizados para ouvintes. O ambiente universitário ainda não conta com condições adequadas para o processo educacional e uma política linguística que favoreça e valorize esses estudantes.

PERCURSO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi motivada pela curiosidade em saber como estava sendo realizado o processo educacional dos estudantes surdos no ensino superior. Para isso, foi necessário buscar um local em que houvesse estudantes surdos cursando as graduações.

O conhecimento de que havia três surdos cursando a graduação numa instituição de ensino superior, localizada na Paraíba, foi, então, fator definitivo para a escolha do campo de pesquisa. Desses três estudantes surdos, um cursava graduação em Automação Industrial no turno matutino, um em Design de Interiores também no turno matutino e o outro estudante cursava graduação em Química no turno vespertino. Os três estudantes surdos dispunham de intérprete de língua de sinais.

Desenvolvemos o presente estudo com base na pesquisa qualitativa, que “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (RICHARDSON, 2015, p. 90). Essa abordagem permitiu analisarmos os contextos, compreender os significados e a possibilidade de ver os vários fatores no âmbito da educação que estabelecem influências sobre o objeto de estudo: o processo educacional de estudantes surdos.

Para viabilizar os procedimentos éticos da pesquisa, foi solicitado o termo de anuência da IES escolhida e a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE pelos estudantes surdos.

Após a conclusão das questões éticas, houve o contato com os estudantes surdos, em vistas de marcarmos as entrevistas com os três estudantes surdos. A entrevista, de acordo com Silveira (2007, p. 139-140), é:

...um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a quer saber algo, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes.

Para a realização da entrevista, foi elaborado um roteiro com perguntas abertas e igual para os três estudantes surdos, visando conhecer os sujeitos, suas experiências culturais e discursos, além de estabelecer a interlocução entre entrevistadora e entrevistados na busca de dados sobre o fenômeno em estudo.

Para tanto, as entrevistas foram realizadas em Libras e gravadas em vídeos com a ajuda das intérpretes de Libras. No momento da transcrição da Libras para a língua portuguesa, também contamos com o apoio de uma intérprete. Para transcrever os dados, voltamos aos vídeos gravados das entrevistas, anotamos as falas dos estudantes surdos e, em seguida, as digitamos.

Os estudantes surdos² foram designados com os nomes: Sales (estudante do curso de Automação Industrial), Sérgio (estudante do curso de Design de Interiores) e Suélio (estudante do curso de Química). A entrevista de Sales foi realizada fora do campo de pesquisa no turno vespertino, e a de Sérgio e Suélio foram feitas no próprio campo de pesquisa, sendo a de Sérgio no turno matutino e a de Suélio no vespertino.

Com os dados recolhidos, iniciamos a organização dos mesmos, escolhendo para este artigo alguns contextos e problematizações que julgamos ser relevantes nas narrativas dos estudantes surdos, entre tantos dados que fizeram parte da dissertação de mestrado.

² Os nomes escolhidos foram fictícios. Eles se iniciam com a letra “S”, para fazer referência à palavra Surdo.

A organização dos dados se deu da seguinte forma: 1. organização do material: realizamos a tradução das entrevistas dos estudantes surdos para a língua portuguesa, com uma intérprete; 2. Categorizações: a partir das entrevistas planejadas e efetuadas com os estudantes surdos, foram pensadas algumas categorias que nortearam o estudo, quais sejam: identidades surdas, processo comunicativo com o/as professor/as, experiências no contexto educacional, participação discente e estratégias de ensino; 3. Análises empírico-teóricas: unimos, de forma articulada, os dados empíricos com o referencial teórico dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, como também com os pertencentes ao campo de estudo da Educação.

Para a análise de dados, utilizamos a análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2011, p. 122), “é um conjunto de técnicas de análises das comunicações, sendo marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Procuramos, assim, desenvolver interpretações sobre os textos para compreender o conteúdo dos mesmos.

O PROCESSO EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR: O QUE NARRAM OS ESTUDANTES SURDOS?

As narrativas, exibidas nos quadros a seguir, apresentam as vozes dos estudantes surdos sobre os seus processos educacionais no ensino superior, seguidas das análises com base nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos.

O Quadro 1 apresenta as narrativas dos estudantes surdos sobre suas identidades.

Quadro 1. Narrativas dos estudantes surdos sobre suas identidades.

Estudantes Surdos	Narrativas
Sales	Eu me chamo Sales. Nasci surdo. Oralizo um pouco. Sou estudante do curso de automação industrial. Gosto de passear, da namorada, ir ao shopping, viajar, conversar com os amigos, andar de bicicleta, jogar.
Sérgio	Eu sou um aluno surdo. A causa da minha surdez foi a rubéola, foi devido a um problema de saúde da minha mãe, sou oralizado. A oralização, converso mais na família, dentro de casa. Eu gosto de estudar, trabalhar, viver. Quero me formar, desenvolver, progredir nos estudos e, futuramente, fazer um mestrado. Gosto também de pedalar e viajar. Eu sou um aluno aqui da IES, muitos infelizmente acham que por eu ser surdo não sou capaz de entender as coisas, de progredir. No sentido educacional pela imagem que eu represento, que eu passo para as pessoas, elas acham que eu não sou capaz de concluir, mas isto é desde a história. As pessoas sempre acharam que os surdos não eram capazes, mas que isso tem que parar. Achar que, por uma pessoa ser surda, ela não consegue, não podemos rotular uma pessoa por ela ser surda, não consegue progredir igual ao ouvinte. Todos nós somos iguais, independentes da deficiência que tenhamos.
Suélio	Eu nasci surdo por causa de uma medicação errada tomada pela minha mãe, durante a gravidez. Tenho 22 anos, sou estudante do curso superior de Química. Antes eu estudava ensino médio, fiz o primeiro, segundo e o terceiro anos. Eu gosto muito do curso de Química, antes eu estudava ensino médio. Formei-me e fiquei pensando qual curso escolheria do ensino superior. Pensei em engenharia mecânica, mas o que eu gosto mesmo e tenho afinidade é Química.

Entrevistas com estudantes surdos/2017.

Os três estudantes surdos, ao reconhecerem a si mesmos, afirmaram sua identidade surda, o seu contato com a Libras e se reconheceram como estudantes surdos do ensino superior. Isto revelou que a sua diferença surda é um fator marcante como pessoa e como estudante.

Quanto às origens, todos nasceram surdos por diferentes episódios ocasionados na gravidez de suas mães, porém, possuem marcas em comum: eram surdos, oralizados, homens, possuíam a Libras como primeira língua e eram estudantes da mesma IES.

Suas histórias possibilitaram caminhos diferentes e que, em alguns momentos, se encontram. Sales revelou gostar de realizar atividades de lazer, como passear, viajar, ir ao shopping, namorar, entre outras, enquanto Sérgio e Suélio afirmaram o gosto pelos estudos e que desejavam progredir. Assim são os surdos-sujeitos, como todas as pessoas, constituídos de identidades que se entrelaçam.

Com essas narrativas, a identidade surda pareceu predominar nos participantes desta pesquisa. A respeito desta questão, Perlin (2001, p. 3) coloca que “para a construção destas identidades impera sempre a identidade cultural, ou seja, a identidade surda como ponto de partida para identificar as outras identidades surdas”.

É preciso considerar que, no mundo pós-moderno, as identidades culturais são provisórias, mutáveis e complexas. Segundo Hall (2011, p. 13), esse processo de identificação:

...produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Como a identidade é construída por meio da relação com o outro em diferentes contextos, estamos sempre assumindo posturas e ideias por intermédio dos distintos discursos. Assim, “a pessoa é um mosaico intrincado de diferentes potenciais de poder em relações sociais diferentes” (CAMERON, 1992, p. 20).

Referindo-se à identidade surda, seria um equívoco pensar que ela “se manifestasse a partir de traços universais que [os surdos] traduzissem completamente (“os surdos são assim”). Os surdos e a comunidade surda são plurais, como o é todo agrupamento humano. Toda identidade é dinâmica e é transformada continuamente” (SÁ, 2010, p. 126).

Nessa perspectiva, as identidades surdas de Sales, Sérgio e Suélio são construídas em meio a cada trajetória de vida, a família, os amigos, as oportunidades de estudos, aprendizagem da Libras e a construção das relações com seus pares para o reconhecimento do que são, o que não são ou estão sendo. Essa informação corrobora com o que é apresentado por Sá (2010, p. 124), quando afirma que:

...a(s) identidade(s) surda(s) de surdos não se constrói (oem) no vazio, forma(m)-se no encontro com os pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos. No encontro com os outros, os Surdos começam a narrar-se

de forma diferente daquela através da qual são narrados pelos que não são surdos. Começam a desenvolver identidades surdas, fundamentadas na diferença.

A experiência de ser surdo possibilita o contato com várias formas linguísticas e é própria de um contexto natural de quem vive essa experiência. É superficial a ideia de que uma pessoa ouvinte poderá dizer com sentido e propriedade a experiência de ser surdo, porque a sua condição de ouvinte não permitirá. Mesmo que as trajetórias de vida dos três estudantes sejam diferentes, a experiência de ser surdo é uma condição que os une. A experiência visual-gestual e a língua de sinais são elementos importantes para essa condição e são vistas como “artefatos culturais do povo surdo” (STROBEL, 2016, p. 43).

De acordo com Dorziat, Lima e Araújo (2007, p. 17), as pessoas surdas são aquelas que “desenvolveram ao longo de suas vidas estratégias visuais-gestuais de apreensão e de expressão de mundo, constituindo o que se passou a denominar de cultura surda”. Desse modo, Sales, Sérgio e Suélio, ao se identificarem como surdos, evidenciaram também suas experiências visuais-gestuais presentes em sua cultura.

Sérgio ressaltou que outra pessoa o julga inferior por ele ser surdo, como não sendo capaz de progredir e prosseguir nos estudos pela imagem que ele representa, e faz menção à história de surdos contada pelos ouvintes. Segundo Strobel (2016, p. 114), “os registros da história oficial citam os atos heroicos de sujeitos ouvintes negando movimento ao povo surdo. Em muitas outras ocorrências importantes, os sujeitos surdos foram representados sempre acompanhando, pacatamente, o ouvinte”.

Nesse relato, ficou evidente a consciência do estudante sobre a hegemonia da cultura ouvinte, predominante durante a história e ainda presente nos dias de hoje, inferiorizando as pessoas surdas. Essa ideia corroborou com o que é apresentado por Santana e Bergamo (2005, p. 566):

Os surdos sempre foram, historicamente, estigmatizados, considerados de menor valor social. Afinal, faltava-lhes a característica eminentemente humana: a linguagem (oral, bem entendido) e suas virtudes cognitivas. Sendo destituídos dessas “virtudes”, os surdos eram “humanamente inferiores”.

Durante a história, as pessoas surdas foram impedidas de assumirem suas identidades surdas e silenciadas por um profundo processo de exclusão, por meio das práticas sociais de abandono e da educação, pela utilização exaustiva, tensa e sofredora do oralismo.

Sérgio, ao mesmo tempo em que trouxe esse traço presente na história dos surdos contada pelos ouvintes, descreveu que essas ideias e práticas precisam parar. Esse dado revelou que ele se constitui como um surdo que também valoriza a sua cultura.

Strobel (2016, p. 29) apresenta a Cultura Surda como sendo:

...o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

A Cultura Surda é característica do grupo de surdos, não abrangendo apenas a surdez, mas os modos de vida, valores, artefatos culturais, experiências e comportamentos. É algo que penetra, que é profundo na vida das pessoas surdas. Um dos artefatos culturais das pessoas surdas é a língua de sinais, que possibilita a comunicação dos surdos com os seus pares e com os ouvintes que também a conhecem.

Por ser a língua de sinais essencial aos processos comunicativos, procuramos conhecer como os estudantes surdos narram a comunicação com os/as professores/as. Vejamos o Quadro 2:

Quadro 2. Narrativas dos estudantes surdos sobre o processo comunicativo com o/as professor/as.

Estudantes Surdos	Narrativas
Sales	A comunicação com o professor acontece apenas com o intérprete de Libras. Se não tiver intérprete, fica difícil a comunicação. Eu sempre preciso de um intérprete de Libras para me compreender.
Sérgio	Bom! A comunicação com os professores é muito complicada. Com dois professores a comunicação era bem melhor. Outros três professores não tinham comunicação. Os dois professores, eles me entendiam, conseguiam adaptar os materiais. A relação era de aprendizado, tanto do professor para mim, quanto de mim para o professor, havia uma interação, conseguia progredir. Acontece, às vezes que o professor com o aluno surdo, dentro da sala de aula, infelizmente acaba focando mais nos alunos ouvintes. Por não conhecerem a língua de sinais, não sabem se comunicar com o aluno surdo. Então, acaba deixando-os um pouco de lado, mas cadê a acessibilidade? Parece que não existe! Não tem aquela motivação para os alunos surdos, eles são um pouco deixados de lado. Enquanto que, com os alunos ouvintes, eles são mais cuidadosos.
Suélio	Fora, a comunicação é meio complicada. Os professores não sabem Libras. Ficam falando e eu fico observando, mas a interação é com o tradutor/intérprete de Libras. Precisa sim da presença do intérprete nas dúvidas, na interpretação da aula.

Entrevistas com estudantes surdos/2017.

Os três estudantes surdos revelaram que a comunicação com as/os professoras/es é complicada e difícil. Essa dificuldade se dá em razão de as/os professoras/es não conhecerem a Libras, o que é ressaltado por Suélio. Para Dorziat, Araújo e Soares (2015, p. 355), “o desconhecimento da Libras como fator fundamental para o desenvolvimento dos Surdos é o primeiro sinal de que a escola não tem desenvolvido trabalho de qualificação dos professores, com foco nas diferenças”.

Sérgio relatou que havia dois professores com os quais conseguia se comunicar melhor, não ficando claro de que forma essa comunicação acontecia, já que esses mesmos professores conseguiam adaptar os materiais e, com isso, a sua aprendizagem era melhor.

Dois dos estudantes surdos relataram a importância do intérprete de Libras no suporte à comunicação e um mencionou que essa comunicação acontece apenas com esse profissional.

Essas narrativas permitem fazer uma relação com o estudo desenvolvido por Lima (2004). Ao questionar os estudantes surdos sobre essa comunicação, a maioria revelou que ela acontece por meio do intérprete, o que pode revelar o despreparo dos outros profissionais das escolas públicas e, com isso, deixar de oferecer melhores condições para o acesso dos estudantes surdos. Esse despreparo “abrange desde o desconhecimento da língua de sinais por parte dos docentes, funcionários e colegas até a falta de uma estrutura curricular que sirva de suporte ao bom funcionamento do trabalho envolvendo esses alunos” (p. 71). O desconhecimento da Libras não só afeta as interações comunicacionais, mas representa uma negação dos direitos das pessoas surdas.

A preponderância da cultura ouvinte é lembrada por Sérgio, quando ressaltou que, às vezes, o professor na sala de aula evidenciava mais os alunos ouvintes por serem maioria. Atribui o maior cuidado com os estudantes ouvintes ao desconhecimento da Libras.

Nesse sentido, a cultura ouvinte coloca a cultura surda como inferior, gerando, nos próprios surdos, um sentimento de menos valia. Enquanto essas regras de padronização da cultura ouvinte estiverem permeando a sociedade, exigindo identidades fixas e rígidas, haverá sempre a disseminação de práticas colonialistas que reprimem a cultura do Outro, no caso, a Cultura Surda.

No Quadro 3, apresentamos como se deram as experiências dos estudantes surdos no contexto educacional, as possibilidades de aprendizagens e também as dificuldades enfrentadas no Ensino Superior, mais especificamente nos cursos frequentados: Automação Industrial, Design de Interiores e Química.

O estudante Sales apontou que as disciplinas mais difíceis do curso eram: Matemática, Química e História, e acrescentou ainda a dificuldade de elaborar textos na modalidade do português escrito. É uma grande dificuldade para ele essa elaboração, tendo em vista que a Libras é diferente da Língua Portuguesa.

Sérgio narrou que o ensino superior ainda “não abriu os olhos para o aluno surdo”, indo ao encontro do que retratam Diniz e Almeida (2005) sobre a necessidade de participação do estudante surdo que envolva colegas e professores, sobretudo nos primeiros anos de ensino superior. Essa afirmação pode estar atrelada a outro aspecto mencionado por Sérgio: a necessidade de ser considerado no processo educacional o aspecto visual, com utilização de imagens e adaptação de materiais.

Mesmo ressaltando as dificuldades, Sérgio também reconheceu que a universidade contribuiu para o alargamento de seus conhecimentos, uma vez que ele já havia conseguido aprender coisas diferentes. Sobre isso, Pimenta e Anastasiou (2014, p. 103) ressaltam que:

...o ensino na universidade caracteriza-se como um processo de busca e de construção científica e crítica de conhecimentos. Nesta direção de análise, a universidade tem o papel de atuar na construção do conhecimento de todos os estudantes. E com os estudantes surdos não deveria ser diferente.

Quadro 3. Narrativas dos estudantes surdos sobre as Experiências no contexto educacional

Estudantes Surdos	Narrativas
Sales	<p>Minha experiência no ensino superior é um pouquinho ruim. Tive um pouco de problemas porque, por exemplo, tem umas disciplinas que são muito boas e umas que são muito difíceis e que eu não entendo. Eu acho a disciplina de Matemática chata! Matemática, Química, História, são as mais difíceis. Eu nunca consegui fazer os textos perfeitamente. Até porque eu não domino perfeitamente o português na modalidade escrita. E a escrita da língua portuguesa pela pessoa surda é diferente da pessoa ouvinte. E alguns professores não entendem. Isso é complicado! A disciplina de Química eu acho um pouquinho complicada. Eu não entendo muito as fórmulas. Também tem a disciplina de Física que eu acho fácil. O professor explicava sobre as fórmulas de peso, velocidade, a disciplina de Física... eu acho fácil.</p>
Sérgio	<p>O ensino superior é bem diferente do fundamental. O curso superior ainda não abriu os olhos para o aluno surdo.</p> <p>[...] eu consegui aprender muitas coisas, coisas diferentes. Já consegui sim, progredir em termos de conhecimento.</p> <p>Uma disciplina boa é aquela que tem o uso de imagens, textos claros, coesos, adaptação de materiais. Tendo essas estratégias se torna boa a metodologia com o uso de imagens, não precisa de intérprete, eu pego mais rápido.</p> <p>Disciplina fácil é Cálculo e as difíceis são Inglês, Filosofia e Português. Filosofia é difícil porque volta no tempo, pensar essa organização atrapalha um pouco.</p>
Suélio	<p>Quando eu ingressei no ensino superior, no primeiro ano de estudo, achei um pouco pesado, pois eu não tinha tanta fluência na Libras. Comecei a falar Libras com fluência.</p> <p>Bem, eu preciso aprender mais. A questão da troca do intérprete, às vezes, é ruim porque, quando troca, às vezes acontece confusão. Era bom, só um intérprete, porque aí a comunicação seria melhor. No mais, então, tudo ok. O curso é difícil! Eu preciso me esforçar também para aprender.</p>

Entrevistas com estudantes surdos/2017.

Sérgio apresenta, também, uma separação entre a disciplina mais fácil do curso de Design de Interiores – Cálculo – e as difíceis – Inglês, Filosofia e Português. A dificuldade de Sérgio nessas disciplinas pode estar relacionada ao fato de as mesmas necessitarem do aspecto linguístico, sobretudo o português escrito e suas nuances gramaticais, sintáticas e semânticas.

Suélio, por sua vez, narrou que, no início, o ensino superior (curso de Química) foi “um pouco pesado” para ele, em razão de ainda não ter fluência em Libras. A dificuldade era resultante, também, das constantes trocas de intérpretes de Libras, o que gerava confusão no entendimento dos conteúdos. Essa afirmação mostra que, embora a compreensão mais difundida sobre o papel do intérprete seja a de que ele é o profissional que “atua como

mediador entre o professor e o aluno, fazendo a interpretação dos conteúdos trabalhados pelo professor para a linguagem de sinais” (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p. 184), é possível inferir, pela fala de Suélio, que a interpretação é mais do que uma atividade técnica. Para ela ser eficaz, é preciso se estabelecer uma relação de confiança e de cumplicidade com os/as estudantes surdos/as.

Entre facilidades e dificuldades exibidas pelos estudantes surdos, há um aspecto que tem que ser considerado: a força e a resiliência dos estudantes surdos no enfrentamento dos desafios que se apresentavam nas experiências cotidianas do contexto universitário.

O desafio era também encontrar, em um ambiente adverso, formas de participação. A respeito disso, o Quadro 4 apresenta as formas de participação dos estudantes surdos nas aulas.

Quadro 4. Narrativas dos estudantes surdos sobre a participação discente.

Estudantes Surdos	Narrativas
Sales	Na primeira vez que eu entrei na sala de aula, fiquei olhando. Eu fico prestando atenção mais no intérprete, e também fico olhando para ver se eu tenho alguma dúvida com relação ao conteúdo. Uma vez ou outra, eu pergunto até as minhas dúvidas ficarem esclarecidas. Inclusive os alunos ouvintes, às vezes, nem perguntam.
Sérgio	Eu entrego sim! Os materiais, as atividades propostas, mas, às vezes, eu fico um pouco confuso com o que é passado, com o que é pedido. Às vezes, eu tenho um monte de dúvidas sobre o que o professor está ensinando, ele não consegue adaptar o ensino. Acabo muitas vezes não tendo vontade de estudar aquele conteúdo, acabo desinteressado. Quando eu vejo que o professor adapta material, o assunto é mais interessante na aula. Dá-me vontade de prestar atenção, eu gosto mais. Como aconteceu também com alguns professores. Se eu pudesse trocar alguns professores, com certeza eu trocaria, porque eu conseguiria aprender bastante.
Suélio	Ah, eu participo muito. Sempre tiro minhas dúvidas. Eu interajo sim. Fico olhando, quando eu entendo, ótimo! Sempre estou interagindo, questionando até que as minhas dúvidas fiquem todas esclarecidas. Normalmente o professor tem paciência de voltar, repetir e explicar quantas vezes for preciso. É igual ao ouvinte, o professor não explica? É igual com o surdo.

Entrevistas com estudantes surdos/2017.

Os três estudantes surdos afirmaram participar das aulas. Nas narrativas de Sales e Suélio, ficou evidente a preocupação dos mesmos em tirar as dúvidas sobre os conteúdos em sala de aula. Segundo Faundes (1993) e Bordenave (1994), a participação necessita ser compreendida enquanto habilidade a ser aprendida e aperfeiçoada por intermédio da prática e da reflexão, sendo a escola o espaço para que essa participação aconteça de forma plena. Nesse sentido, a participação requer a atuação e a ação dos envolvidos no processo de aprendizagem. É preciso haver, durante essa participação, o respeito para com as diferenças.

Sales ainda ressaltou a importância do profissional intérprete de Libras em sua participação em sala de aula e no contexto do processo educacional. Essa afirmação pode se configurar pelo fato de as/os professoras/es não terem um entendimento acerca de como ensinar os estudantes surdos, além de não conhecerem as peculiaridades linguísticas desses estudantes para poderem interagir de forma plena. Com isso, a interação acontece com o intérprete, que se torna uma referência para os surdos. Essa ideia corrobora com o que diz Lacerda (2015, p. 269):

...é imprescindível o reconhecimento do profissional intérprete de LIBRAS, que é quem possibilita a comunicação entre surdo e ouvinte, devendo o mesmo ter domínio da Libras e do português, conhecimento das implicações da surdez no desenvolvimento do indivíduo surdo, conhecimento da comunidade surda e convivência com ela.

Sérgio relatou ter dúvidas, durante as aulas, referentes aos conteúdos e atividades que foram passadas. A não adaptação dos recursos pedagógicos na aula dificultou o seu processo educacional, o que gerou um desinteresse desse estudante pela aula e pela aprendizagem. Sérgio ainda afirmou que, quando o professor adapta os recursos para uma aula mais prazerosa, ele fica interessado em aprender.

A respeito dessa questão, Ansay (2009, p. 114) ressalta que é um desafio para o estudante surdo estar no ensino superior, devido a dificuldades encontradas como “a falta ou o uso inadequado do material didático pedagógico para este alunado, por exemplo, filmes legendados, aulas sem material de apoio visual e o uso do *power point* na sala escura”. Nessa direção, a participação dos estudantes surdos poderia acontecer com mais frequência se a/o professora/o utilizasse bem os recursos e metodologias que contemplassem esses estudantes.

O Quadro 5 traz as estratégias de ensino desenvolvidas pelos/as professores/as, segundo os estudantes surdos.

Quadro 5. Narrativas dos estudantes surdos sobre as Estratégias de ensino.

Estudantes Surdos	Narrativas
Sales	[...] quando se pede resumos e textos, não consigo fazer. As leituras das provas, as avaliações são difíceis. Porque as provas são iguais para ouvintes e surdos, e eu acho difícil.
Sérgio	[...] os professores não conseguem adaptar os materiais, o ensino. Fica difícil buscar o entendimento que eles querem.
Suélio	A aula é basicamente o professor falando, e eu fico observando o intérprete de Libras. Os professores escrevem no quadro, usam o <i>data show</i> , que também é importante. De vez em quando, o professor também pergunta se eu estou com dúvida, abre o <i>data show</i> , explica, usa a imagem, para a explicação ficar melhor. Tem professor que tem uma metodologia muito boa. Eu gosto de estudar aqui. Gosto sim!

Entrevistas com estudantes surdos/2017.

As narrativas dos estudantes surdos revelaram que a maioria das/os professoras/es utiliza estratégias de ensino iguais para surdos e ouvintes. Essa informação permite remeter ao que é afirmado por Santiago e Pereira (2015, p. 52).

É fundamental que o professor, antes de escolher sua metodologia de ensino, leve em consideração as particularidades de causa, momento, condição e identidade do surdo, pois essas peculiaridades de complexa abrangência influenciam de modo diferente a maneira dele lidar com o mundo à sua volta. Portanto, não é possível tratar os diferentes sujeitos surdos a partir das mesmas práticas metodológicas.

As metodologias, estratégias de ensino e recursos pedagógicos necessitam considerar a diferença surda. Segundo Kumada (2017, p. 57), “a leitura do surdo pelas lentes do conceito de diferença pressupõe o distanciamento das teorias biológicas veiculadas sobre o surdo e a surdez...”. Nessa direção de análise, as estratégias presentes nas práticas pedagógicas relatadas necessitam contemplar e valorizar as experiências visuais-gestuais, concebendo a surdez em sua visão antropológica.

A respeito da leitura e construção de textos escritos, os estudantes surdos enfrentaram dificuldades em escrevê-los, pela falta de compreensão da língua portuguesa, o que se tornou um desafio para esses estudantes. As práticas de atividades são também, em sua grande parte, pensadas para os ouvintes. Seria necessário se pensar no currículo e ensino para as diferenças, pois o ensino em sala de aula vem considerando apenas os ouvintes. Essa ideia se coaduna com o que apresenta Santiago e Pereira (2015, p. 53): “[...] as formas como os ouvintes aprendem são tomadas pelos educadores como o único padrão a ser seguido. Dessa forma, a tendência é que se procure ensinar aos surdos do mesmo modo como se ensina aos ouvintes”.

Sérgio, mais uma vez, ressaltou que a falta da adaptação de materiais dificultou o seu aprendizado.

Suélvio colocou que a sua professora utilizou, nas aulas, o projetor de imagens, e perguntou se ele tinha dúvidas, afirmando que ela usou as imagens projetadas para reforçar as explicações. Ele ainda ressaltou que alguns professores empregam boas metodologias.

Esses dados revelaram que a professora de Suélvio buscou contemplar, nas estratégias de ensino, recursos pedagógicos de suporte para a aprendizagem desse estudante. Gonçalves e Festa (2013, p. 2) afirmam que “a presença do aluno Surdo em sala exige que o professor reconheça a necessidade da elaboração de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adequados à forma de aprendizagem deste aluno Surdo...”. É perceptível, de acordo com a narrativa exibida, que essa professora buscou estar próxima de seu estudante surdo, utilizando estratégias de ensino que puderam oferecer suporte para a aprendizagem do mesmo.

Considerações finais

O ensino superior para estudantes surdos ainda é um grande desafio, devido, sobretudo, à existência de práticas e ideias colonialistas nos processos educacionais.

Nesse contexto, as entrevistas realizadas com os estudantes surdos apresentaram indícios de dificuldades no seu processo educacional, denunciando a necessidade de melhoria na comunicação entre professores/as e estudantes surdos, melhores direcionamentos e significado das estratégias de ensino utilizadas pelos/as professores/as que favoreçam também a participação dos estudantes surdos.

Os estudantes surdos, ao falarem de si, se afirmam como pessoas surdas, reconhecendo suas identidades surdas, embora vivessem no seio de famílias ouvintes, onde o contato com a oralização aconteceu em primeiro lugar. Só em seguida aprenderam a Libras e a utilizam fluentemente no cotidiano.

Embora os aspectos linguísticos relacionados, sobretudo à comunicação, pareçam uma evidência já discutida largamente nos debates a respeito da educação de surdos, o foco dos estudantes surdos entrevistados nessa temática mostra a atualidade do debate e exige das pesquisadoras um olhar atento sobre ele. Enquanto existir esse obstáculo nos processos educacionais, não haverá possibilidade de realização de análises contundentes acerca dos caminhos pedagógicos apropriados para uma formação inclusiva de estudantes surdos.

A atenção dos próprios surdos para outras dificuldades e as condições para a implementação de um currículo para as diferenças, considerando os aspectos que envolvem a condição surda, só serão possíveis se forem estabelecidas relações reais entre todos os envolvidos no processo educacional, com ênfase na relação professor/a–aluno/a.

Nas condições atuais, urge se pensar em duas direções: fomento à formação de profissionais intérpretes de Libras para trabalharem no Ensino Superior com determinados componentes curriculares, haja vista que eles/elas têm papel fundamental no processo educacional de estudantes surdos, possuindo, na grande maioria, uma relação firme com a cultura surda; e estratégias didático-pedagógicas que proporcionem materiais visuais dos conteúdos trabalhados.

Essas iniciativas não excluem a urgência no desenvolvimento de reflexões mais contundentes sobre o processo educacional dos estudantes surdos universitários, que consideram, para além de questões linguísticas, as curriculares, relacionais, de modo a analisar os aspectos culturais, compreendendo a importância da visualidade surda no processo educacional.

REFERÊNCIAS

ANSAY, Noemy Nascimento. **A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior**. Curitiba, 2009, 134s. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2011.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros passos, 95).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 ago. 2018.

_____. **Lei 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 30 jul. 2018.

CAMERON, Deborah. **Feminism and Linguistic Theory**. USA: ST Martins Press, 1992.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de educação**, mai./jun./jul./ago. n. 23, p. 36-61, 2003.

_____. Estudos Culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). **Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação**, 2. ed. Canoas: Ulbra, 2011, p. 107-120.

DINIZ, Antonio Marcos; ALMEIDA, Leandro da Silva. Escala de integração social no ensino superior (Eises): metodologia de construção e validação. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 23, p. 461-476, out. 2005.

DORZIAT, Ana; LIMA, Niedja Maria; ARAÚJO, Joelma Remígio de. A inclusão de surdos na perspectiva dos estudos culturais. **Revista espaço**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 16-27, 2007.

_____. ARAÚJO, Joelma Remigio; SOARES, Filipe Paulino. O direito dos surdos à educação (um estudo com jovens de 14 a 22 anos). In: LODI, Ana Claudia Balieiro; DORZIAT, Ana; FERNANDES, Eulalia (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**, 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 333-371.

FAUNDES, Antonio. **O poder da participação**. São Paulo: Cortez, 1993 (Coleção questões da nossa época, v. 18).

GONÇALVES, Humberto Bueno. FESTA, Priscila Soares Vidal. **Metodologia do professor no ensino de alunos surdos**. Disponível em: http://www.mrhmcrondon.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/27/1470/1576/arquivos/File/Educacao%20Especial/Educacao_Especial01.pdf /> Acesso em: 12 ago. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KUMADA, Kate Manhy Oliveira. **Acesso do surdo a cursos superiores de formação de professores de Libras em instituições federais**. São Paulo, 2017, 252s. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS). In: LODI, Ana Claudia Balieiro; DORZIAT, Ana; FERNANDES, Eulália. **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos**, 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 247-277.

LIMA, Niédja Maria Ferreira de. **Currículo e Surdez**: parâmetros para a inclusão de Surdos na rede pública regular de ensino. João Pessoa, 2004, 126s. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas**. Disponível em: <<http://www.sentidos.com.br> /> Acesso em: 7 jul. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2015.

SÁ, Nídia Limeira de. **Existe uma cultura surda?** Disponível em: <www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura_surda.doc /> Acesso em: 9 ago. 2017.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Revista educação e sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br> /> Acesso em: 4 jun. 2018.

SANTIAGO, Sandra; PEREIRA, Douglas. A especificidade do trabalho pedagógico com alunos surdos. In: SANTIAGO, Sandra Alves da Silva (Org.). **Problematisando a inclusão do estudante Surdo**: da educação infantil ao ensino superior. João Pessoa: CCTA, 2015, p. 47-63.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; OLIVEIRA, Syham Kafka Vitorino de. Diálogo com a cultura surda e a inclusão no ensino superior: Avaliação e proposição. **Holos**, Ano 30, v. 35 p. 131-143, set. 2014. Disponível em: http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1564/pdf_98 Acesso em: 5 ago. 2018.

SILVA, Kely Cristiane; OLIVEIRA, Adil Antonio Alves de. O papel do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 2, p. 181-190, jun./jul. 2014. Disponível em: <sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1494/1101>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SILVA, Polliana Barboza da. **A inclusão do estudante surdo no ensino superior: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula.** Estudo de caso, 2015, 275s. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa-PT.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**, 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 119-141.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**, 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 7-32.

_____. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: _____. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**, 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 5-6.

SOUZA, Vanuza Aparecida de; SOUZA, Vilma Aparecida de. **As contribuições dos estudos culturais nos estudos surdos e as implicações para se repensar a educação das pessoas surdas.** Disponível em: <http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminar/trabalhos/290_2_2.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2018.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**, 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

DADOS DAS AUTORAS

POLLIANA BARBOZA

Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba/PB-Brasil. Professora da Educação Básica e Supervisora Escolar da Prefeitura Municipal de Alhandra/PB-Brasil. pollianabarboza@hotmail.com

ANA DORZIAT

Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Portugal. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba/PB- Brasil. ana_dorziat@hotmail.com

Submetido em: 11-9-2018

Aceito em: 12-4-2019